

## **SOBRE LUÍZA MARIA DE JESUS** **(“SÁ LUÍZA LERIANA” OU “SIÁ LUÍZA DA CANANÉIA”)**

**José Antônio de Ávila Sacramento**

*“Prefiro morrer queimada no fogo da terra  
do que penar no fogo do purgatório<sup>1</sup>.”*

A palavra escrita ou falada é um importante instrumento de comunicação para se construir pontes memoriais entre as diversas gerações. Há momentos de falar e de ficar calado. Há bastante tempo que me cedi ao impulso de falar e escrever sobre fatos que ouvi contar quando ainda era menino e transitava pelos sertões do arraial bandeirante de São Miguel do Cajuru, numa época em que o frescor da existência ainda mantinha o horizonte bastante azul. O impulso que ora carrego é o de registrar fatos com amor, com temperança, sem desvirtuar ou fantasiar relatos, fugindo de armadilhas ficcionais ou da banalização da palavra: “nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (Atos dos Apóstolos, 4:20). Então, como eu ainda não adquiri a (in)capacidade para esquecer, registro recordações e os frutos de minhas pesquisas que, através do tempo, apesar de parecer insignificantes, tornam-se gigantes nas suas essências. Então, não é de hoje que eu enfrento os desafios de tecer tais relembramentos, registrando principalmente o que aconteceu e acontece nos quintais da nossa aldeia<sup>2</sup> ou na região, buscando a positividade histórica, dando vez e voz a certos acontecimentos e para algumas criaturas, e é assim que vou registrando,

---

<sup>1</sup> Palavras de Sá Luíza a Dona Balbina, em Ibertioga/MG, residência de sua habitual frequência. Revelação feita pelo dr. Walder Nascimento, em memória de infância, dentista em Barbacena (MG), filho de D<sup>a</sup> Balbina com Dr. Mário Batista. Este é o texto de um depoimento datado de março de 2006 e que traz, ainda, a seguinte nota: “desejo realizado, pois morreu queimada em sua casinha, no lugar ‘Cananéia’, próxima à igreja que construiu ao longo da vida e foi dedicada e consagrada ao Sagrado Coração de Jesus.”

<sup>2</sup> “Seja universal, fale do seu quintal” é frase comumente atribuída ao escritor russo Liev Tolstói. Mas o autor da frase foi o poeta, prosador e dramaturgo russo Aleksandr Púchkin. Há registro de que um jovem escritor russo procurara por Púchkin, indagando dele como fazer com que um romance se tornasse universal? Púchkin respondeu: “Queres ser universal? Fale sobre o seu quintal” (ou sobre a sua aldeia). O jovem escritor que consultou a Púchkin era Nikolai Gogol, autor do romance “Almas Mortas”, obra-prima da literatura universal.

escrevendo, falando e publicando sobre todas estas coisas na imprensa local, principalmente<sup>3</sup>.

Diante do que foi exposto nesta breve introdução, eu passo a evocar uma localidade cujo topônimo é o de Cananéia; o lugar ao qual me refiro não faz parte da antiga Terra Prometida e nem se trata da antiga Capitania paulista de São Vicente com suas belas praias onde a esquadra de Martim Afonso de Souza corou-se no dia 12 de agosto de 1531: a Cananéia que me interessa neste momento é o sub-burgo onde viveu uma criatura por demais virtuosa, é o povoado que fica encravado além da sede do Distrito de Emboabas<sup>4</sup>, a aproximadamente a 36 quilômetros da cidade de São João del-Rei - MG.

O alvo a ser perseguido nesta publicação é a existência de “Sá Luíza Leriana”<sup>5</sup>, uma virtuosa que como diria certo "demiurgo do sertão", foi mulher milagreira e jejuadora, a quem acorriam com acuração os peregrinos, os aleijados, os cegos, os doentes de toda loucura e lepra, o rico triste e o próximo precisado<sup>6</sup>. Assim, como nas obras rosianas, “Sá Luíza da Cananéia” é figura merecedora de toda atenção, posto que ela está associada à santidade e ao significado daquela energia interior simbolizada pela fé de cada um, energias que trazem consigo respostas para as indagações das jornadas dos habitantes da zona rural dos tempos de antanho; ela fez parte de um universo que foi (e de certa maneira ainda é) carregado de incertezas e medos, atribulações que foram e ainda são enfrentadas com trabalho, coragem, sapiência, fé e crenças que permitem ficar mais suaves enfrentamento das agruras da vida camponesa.

---

<sup>3</sup> Versão reduzida deste texto foi publicada na Revista "Em Voga" - São João del-Rei - MG, ano III, nº 06, novembro e dezembro de 2017, página 16, sob o título de "Sá Luíza da Cananéia; a referida publicação, bem como a do Jornal de Minas, é ato de resistência e valentia editorial do meu confrade neste IHG e na Academia de Letras, Neudon Bosco Barbosa. Outra versão foi publicada na Revista do IHG de São João del-Rei/MG, volume XV, ano 2021, páginas 74 a 92. Esta versão está sendo publicada em junho de 2023.

<sup>4</sup> Cananéia fica a cerca de 10km da sede do Distrito de Emboabas. Por que não tentarmos recuperar oficialmente o topônimo original do distrito, São Francisco do Onça? Ainda não encontrei justificativas para que o Distrito tenha a atual denominação; então, por que e para que *Emboabas*?

<sup>5</sup> Batizada com o nome de Luíza Maria de Jesus e, como era filha de Aureliano José Moreira e Maria (de tal), foi por causa do nome do pai que recebeu o apelido de “Luíza Leriana” corruptela de “Luíza (filha do) do Aureliano”.

<sup>6</sup> João Guimarães Rosa (In: Azo de Almirante - Tutaméia: Terceiras Histórias).

Então, para falar da “demiurga” que habitou aquele sertão são-joanense ainda quase que desconhecido, misterioso e fascinante palco de labutas das pessoas mais simples que foram capazes de ver bem e sentir aquilo que alguns poucos quase não enxergam ou sentem, eu começo a missão alicerçado principalmente nas publicações avulsas e documentos que me foram gentilmente apresentados pelo sr. Oscar Donato Moreira<sup>7</sup>, e, assim, a partir deles, transcrevo o depoimento de Beatriz A. Horta Barbosa<sup>8</sup>, uma das pessoas que não se calaram sobre a experiência de ter conhecido e convivido com a personalidade que passou à história com o apelido de “Luíza da Cananéia”:

Há santos ignorados e para esses que se ocultam no anonimato grande deve ser a glória no céu. Conheci Luíza da Cananéia: passou a vida em oração contínua agarrada a seu terço rezado muitas vezes por dia, em sublime veneração à Virgem Santíssima e ao Sagrado Coração de Jesus. Com seu esforço, carregando pedras e material de construção, tudo adquirido de esmolas, construiu uma capela na sua aldeia, dedicando-a ao Sagrado Coração de Jesus. Quantas vezes vinha à minha casa e eu ficava edificada com tamanha piedade. A hora da refeição eu fazia o seu prato, [e ela] tomando de um copo, derramava água sobre a comida, dizendo na sua fé: é espírito de mortificação, minha filha. Certa vez eu lhe pedi que suplicasse a Deus uma graça de que precisava, sua resposta era sempre esta: não pede não, minha filha, deixa Deus dar o que quiser, assim é melhor. Quanta sabedoria que perfeito abandono à vontade do Senhor. Morava só, numa casinha humilde, andava descalça e pobremente vestida, passou fome e frio por amos a Deus. Ficou cega nos últimos anos de vida e foi essa a causa de sua morte, porque não viu o fogo que devorava sua casinha, e morreu queimada sem poder sair de lá. Caminhava léguas e léguas em jejum para receber a comunhão no momento em que chegasse a cidade mais próxima, isso sempre e especialmente às primeiras sextas-feiras do mês. Muitas graças deverão vir à terra por seu intermédio, ela que tão humildemente viveu e morreu, consumindo-se no sacrifício e oração. Alma contemplativa e santa.

Noutro manuscrito (s.d.), mais um depoimento de Beatriz Barbosa:

Volto a falar de Luíza da Cananéia, a santa desconhecida mulher maravilhosa cativada pela sua humildade e pela fé profunda que possuía, apoiando-se sempre numa grande confiança em Deus, em seus desígnios perfeitos. Sofreu falta de tudo e com que serenidade caminhava em direção ao céu, ignorada e pobremente vestida, imagem perfeita da renúncia aos bens materiais contando somente com os tesouros eternos. Sua vida foi uma abnegação contínua, pregava o amor de Deus pelas suas atitudes edificantes, pelos seus conselhos sábios em linguagem

---

<sup>7</sup> Popularmente conhecido por sr. *Carlos* ou *Carlinhos*, mora na sede do Distrito de Emboabas, é cultor da memória de *Sá Luíza Leriana*; manteve durante muitos anos a linha de ônibus Cananéia/São João del-Rei e é zelador voluntário da Capela do Sagrado Coração de Jesus (da Cananéia).

<sup>8</sup> Em 1982 Beatriz A. Horta Barbosa residia na Rua Resedá, 191/301 - Bairro S. Lucas - Belo Horizonte/MG.

singela, e era maravilhoso quando dizia, “reza minha filha”, vamos rezar e fazer sacrifícios, é assim que se ganha o céu. Era filha de Aureliano Moreira e Maria Moreira. Monsenhor Raul de Azevedo [Azeredo] Coutinho era pároco de Ibertioga e encarregado da Freguesia do Onça hoje Emboabas, pertencente a São João del-Rei. Ele foi testemunha das virtudes de “Siá Luiza”, como a chamávamos. Na capela por ela construída com o próprio esforço, após sacrifícios incontáveis, Mons. Raul celebrou a primeira missa, tendo antes procedido a bênção da mesma. Em seu semblante lia-se a satisfação imensa do ideal realizado: propagar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e dar-lhe um altar na pequena povoação onde vivia (Aureliano) hoje (Cananéia). A igreja mede vinte por seis metros e foi reedificada em 1979, ostentando na sacristia o retrato da santa de Cananéia “Siá Luiza”, que o mundo desconhece, mas a quem Deus deve ter reservado um belo lugar no seu Reino. Suas caminhadas de léguas e léguas a pé em jejum natural, conforme a antiga e austera disciplina da igreja, levaram-na a receber a comunhão já em horas adiantadas do dia. Nós que indiferentemente passamos pelos sacrários e que por qualquer motivo deixamos de receber o Senhor no coração, teremos nesta mulher extraordinária, nessa Santa desconhecida um exemplo perfeito de amor e fervor eucarístico. Sua casinha humilde consumida pelas chamas dia 21 de novembro de 1958 desaparecia e ela morria queimada, sendo sepultada em São Francisco do Onça, em túmulo comum<sup>9</sup>. O Senhor prometeu elevar os humildes, e ela deve ter agora uma grande glória na eternidade. Supliquemos-lhe graças que necessitamos tanto e ela lá do céu onde recebeu o prêmio de suas virtudes extraordinárias, intercederá por nós. com muito carinho, com aquela generosidade que em alto grau possuía<sup>10</sup>.

Numa segunda anotação, após a indicação do nome de Beatriz Horta Barbosa, segue-se esta indagação e súplica creditada a Alzira Maria Moreira (sobrinha de “Siá Luíza”):

Peço as pessoas que tiveram contato direto ou indireto com essa maravilhosa criatura que passe para os jovens quem foi Siá Luiza p/ que ela seja lembrada e adorada pelos nossos filhos, netos, bisnetos e etc... Não podemos esquecer esta bela e verdadeira história, poderiam até fazer um filme, o que acham?

Datado de 2003 aparece um depoimento de Orestes Batista Monteiro:

---

<sup>9</sup> Certidão de Óbito do Cartório Civil de Emboabas certifica que em 22 de novembro de 1958, no livro nº C-5, às folhas 45v, sob o nº 1049, foi registrado a morte de Luíza Maria de Jesus “falecida em 21 de novembro de 1958, no lugar denominado Cananéia, de cor branca, profissão do lar, com 85 anos, solteira, filha de Aureliano José Moreira e Maria de tal, tendo sido declarante Leopoldo José Vicente Filho, que deu como causa da morte proveniente de incêndio e o sepultamento foi feito no cemitério de Emboabas”. Assina a certidão Maria da Consolação Campos Resende, então Escrivã de Paz e Oficial do Registro Civil da Vila de Emboabas em exercício).

<sup>10</sup> O jornal “Lar Católico”, de Juiz de Fora - MG, na página 06 de sua edição de 21 de novembro de 1982, publicou o texto deste depoimento com poucas alterações, complementando-o com este parágrafo final: “Supliquemos-lhe graças, aquelas que necessitamos tanto e ela lá do céu, onde recebeu o prêmio de suas virtudes extraordinárias, intercederá por nós com muito carinho, com aquela generosidade que, em alto grau, possuía.”.

Quando a conheci de casa em casa com um pires de chícara (*sic*) de chá na mão na mão esquecida, enquanto andava de uma casa para outra ou quando não se encontrava na estrada, cobria-o com um lenço pois neste pires tinha poucas moedas de pequeno valor que ela pedia para construir uma Igreja para o Sagrado Coração de Jesus. Todos davam com um ar de zombaria, como podia uma mulher pobre construir uma igreja, pois tinha nada mesmo, nunca teve um sapato, aparecia sempre com o mesmo vestido, apesar de sempre limpinho. O terço, na mão direita, de Nossa Senhora, aceitava qualquer coisa para comer e não desagradava as ofertas. À noite era sempre bem acolhida na casa que chegasse, costume em toda região. São 9 horas, vamos dormir? Podia ser em casebre ou casa mais abastada da região, ou até mesmo na casa do Pe. Raul Coutinho, seu grande admirador, D. Luíza dizia: vamos rezar primeiro o terço...

No arrazoado anterior identificado temos uma ideia de como foi erigida a capela:

E a Igreja? Foi construída com material simples, com pouca base, e o Pe. Raul Coutinho, pároco em Ibertioga, deu bênção a pedido de D. Luíza. Também o nome bonito foi ela que pediu: "Coração de Jesus da Cananéia". Tempos depois, com o passar dos anos, ela caiu. Mas as moedinhas do pires multiplicaram-se, e com capital maior e a devoção ao sagrado Coração de Jesus, construiu outra mais sólida e a prova está lá, hoje. Tem uma estrada de terra e de São João del-Rei, duas vezes por semana, tem um horário de coletivo.

E como seria conhecida popularmente Luíza Maria de Jesus? Orestes Batista Monteiro aponta as hipóteses: "Qual o seu nome certo? Luíza Leriana? Luíza Rezadeira? Prima Roxa? O certo é que Luíza "Leriana" de Jesus, que eu conheci rezando, quando conversava, o Sagrado Coração de Jesus era o primeiro assunto.". Sobre as andanças de Luíza, Orestes registrou:

Em uma primeira sexta-feira, vindo da Cananéia, a 15 quilômetros mais ou menos de distância de Ibertioga, em jejum como determina os mandamentos da Santa Igreja, o pároco já tinha viajado para atender um doente fora, e ela ficou em jejum para não perder a comunhão. Às quatro horas da tarde apareceu uma condução para Barbacena. E o Pe. Raul que era o pároco de Barbacena atendeu com muito carinho e ela comungou já quase às 6 horas da tarde."

Ainda sobre as perambulações de Luíza, assim está escrito num depoimento sem data e que traz a assinatura "Zito":

Quero aproveitar esta página de caderno para falar um pouco de uma velhinha que conheci no meu tempo de criança. Que saudades daquela criatura de Deus. Esta senhora que vou contar um pouco de sua história se chamava *Sá Luíza Leriano*, morava na comunidade de Cananéia, Paróquia de São Francisco de Assis do Onça. Era mesmo uma serva de Deus; grande devota do Sagrado Coração de Jesus, tão piedosa e com uma grande fé e amor ao Sagrado Coração de Jesus que chegou a construir uma capela em honra e louvor ao Coração

Eucarístico de Jesus. Ainda hoje existe esta capela lá em Cananéia. Calcula-se de Cananéia a São João del-Rei mais ou menos 40 km. Pois Sá Luíza vinha a pé nesta distância para comungar na missa das 5 horas da manhã na Igreja de São Francisco e participar também das missas. Veja bem, Sá Luíza passava no Arraial do Onça, parava em fazendas, povoados, não aceitava nada, nem água, dizia que para receber Jesus no coração tinha que fazer um jejum absoluto. Olhe, estou contando esta história porque mesmo em criança presenciei muitos fatos e acontecimentos na vida dela. Ainda me lembro, a gente morava em Morro Grande. Meu pai era dono do armazém (venda). À tardinha chegava Sá Luíza, com frio ou chuva ela estava ali, ela fazia uma parada, descansava e às vezes até pernoitava. Mas ela não ficava parada, lavava as louças, panelas, etc. Escolhia feijão, socava café no pilão e fazia outros serviços. Depois, sentava num banquinho que a gente chamava de banquinho da Sá Luíza. Ali ela reunia todos nós e começava a dar aquele sábio catecismo, agora vamos cantar para Jesus: Jesus vai comigo, eu vou com Jesus (Coração Santo), ladainha de Nossa Senhora, Com Minha Mãe Estarei, e assim por diante<sup>11</sup>. *Sá Luíza* era uma criatura de Deus. Dócil, amável, caridosa, não tinha preconceito, todas as pessoas para ela eram boas, tudo o que fazia era por amor a Jesus no Santíssimo Sacramento. Certa vez, ainda me lembro, ela pernoitou na nossa casa; minha mãe arrumou a cama para ela com muito carinho e levou-a até o quarto para dormir. Sabe o que ela fez?, esperou que todos se acomodassem, pegou a sua coberta, colocou no assoalho e ali passou a noite deixando a cama intacta, e falava: tenho que fazer penitência para receber Jesus no meu coração. Tudo isto que escrevi não tem exagero, são coisas verídicas que eu presenciei na minha infância e adolescência e guardo no meu coração até hoje com muito carinho e exemplo de vida. Nós colocamos nela um segundo nome, com muito carinho: *Sá Luíza Rezadeira*. Mais tarde tivemos uma triste notícia, vinda de Cananéia, todos falando de boca em boca: coitada da *Sá Luíza*! O que foi, perguntamos. Vocês ainda não sabem? Pois a lamparina estava acesa em cima do colchão de palha e ela morreu carbonizada. Mas uma certeza nós temos, ela está juntinho do colo de Jesus. Seu admirador, *Zito*.

Noutro depoimento não datado, Maria Stela assim escreveu:

*Sá Luíza da Cananéia* trabalhou e lutou a vida inteira por amos ao Sagrado Coração de Jesus. Sacrificou para construir a Capela do Sagrado Coração de Jesus em Cananéia. Os antigos contam que ela carregava material na cabeça para o trabalho na obra (tábua, pedra e adobe). Vinha a pé, em jejum, para comungar aqui em São João toda primeira sexta-feira, quase 40 quilômetros. Morava sozinha numa casa muito humilde. Um senhor que morava no Onça contava que encontrou com ela na estrada, sentada num cupim, estava chovendo e ela não se molhou. Muitas vezes ela dormia na nossa casa lá no Onça, não aceitava cama não, só pedia travesseiro e colcha e deitava no chão ou num banco. Morreu

---

<sup>11</sup> Recebi do sr. Oscar Donato Moreira cópia de outro manuscrito (s.d. e s.a.) intitulado "Estrofes dos cânticos que a snra. Luiza Leriana Cantava para Jesus", onde se lê: "Jesus é meu/Eu sou de Jesus/Jesus vai comigo/Eu vou com Jesus", "Coração santo, tu reinarás/Oh cruz, tu nos salvarás" e Amado Jesus, José e Maria/Eu vos dou o meu coração e a minha alma/Assisti-me com piedade na minha última agonia."

queimada, seu corpo foi encontrado debaixo de uma bacia, ficou do tamanho de um recém-nascido e toda escura, irreconhecível. Maria Stela.

Maria Josina Ferreira, em documento também sem data, conta que:

*Luíza da Cananéia*, moradora da Cananéia desde que nasceu, não sei o nome de seus pais. Solteirona, tinha irmãos. Viviam com auxílio da comunidade, em sua simplicidade. Saía pelas casas, levando seu embornal ao ombro, porque o que ganhava ali colocava. Quando alimentava na casa de outros por acaso, colocava água na comida. Saía de Cananéia e vinha comungar aqui em São João, dormia onde anoitecia pois não enxergava bem. Com auxílio do povo construiu a Capela de S. Coração de Jesus em Cananéia, carregando alguns materiais no ombro ou na cabeça. Na época era padre José Reis e depois o padre Cristóforo. Sua casa era humilde, bem cheia de coisa que pedia a comunidade. Faleceu em sua residência, toda queimada. Maria Josina Moreira.

O jornal Gazeta de São João del-Rei, na página 3 da edição de 16 de outubro de 1999, publicou matéria a respeito da Capela de Cananéia com a seguinte manchete: "Cananéia reforma capela e reclama de abandono - Povoado quer preservar a memória de Sá Luíza". O texto da reportagem chamou a atenção para o "abandonado e esquecido" povoado de Cananéia, registrou os esforços das pessoas daquela comunidade para reformar a Igreja do Sagrado Coração de Jesus e de "uma pequena escola onde estudam 14 alunos", e, por fim, lamentou:

é tudo que restou no povoado de Cananéia, cuja população não chega a 50 pessoas e que não possui sequer eletrificação rural, prometida há mais de 20 anos. Os ex-moradores, que na maioria mudaram para São João del-Rei, contam que o lugar antes era uma aldeia, povoada por mais de 20 famílias que moravam nas redondezas da igreja. Hoje, apenas uma família reside lá e as outras, poucas, moram afastado ou se mudaram, 'Os mais velhos foram morrendo e os novos saíram de lá pela falta de opção e de condições de viver', diz a ex-moradora Alzira Maria Moreira. No passado, as famílias trabalhavam para a própria subsistência, plantavam milho, feijão, criavam porcos e gasolina e produziam açúcar. 'Só comprávamos sal e querosene', diz a ex-moradora, contando que esses produtos eram trocados por alguém, na cidade mais próxima, e dividido entre os vizinhos. (...) A reforma da Capela está sendo feita através da arrecadação de dinheiro dos moradores, que fazem barracas, leilões e pequenas festas improvisadas e realizadas durante o dia, por causa da falta de luz. Luiza Lariana (...) nasceu em Cananéia em 1873 e é tida como santa por todas as pessoas que a conheceram ou que puderam conhecer a sua história. Os moradores do povoado são unânimes ao narrar a história de vida devotada a Deus de Sá Luíza e alguns atribuem a ele graças alcançadas, como a cura de doenças. (...) Maria Laudelina da Silva, a dona Ná, vive agora em São João del-Rei e passou parte de sua vida ao lado de Sá Luíza. Ela conta que andou com ela léguas e léguas pedindo esmolas para a igreja, rezando e cantando. 'Jesus é meu, eu sou

de Jesus', lembra dona Ná dizendo que não tem jeito de contar quantas vezes repetiram este verso. (...) Sá Luíza vivia em penitência, 'tinha mania de fazer sacrifício', diz o ex-morador de Cananéia, José Teodoro da Silva, o 'Zé Rita', acrescentando que 'ela misturava cinzas ou água a qualquer prato de comida que ganhasse, para tirar o sabor e o prazer de saboreá-lo'. (...) Maria Josina de Jesus, esposa de um primo de primeiro grau de Sá Luíza, é uma das pessoas que garantem já ter alcançado graças, como a cura de doenças, depois de rezar pela alma da 'santa'. Maria Josina foi vizinha de Sá Luíza durante muitos anos e conta que ela não sabia escrever e nunca frequentou escola., mas sabia ler todos os livros da igreja e organizava novenas e rezas junto à população. 'Ela era extremamente caridosa, muito preocupada com as outras pessoas, conselheira, sempre pedia a todos que rezasse, era uma santa mesmo.'

Mais recentemente, no ano de 2017, numa das costumeiras conversas na sede da Academia de Letras de São João del-Rei, quando das reuniões mensais do sodalício, eu comentei despretensiosamente com o professor Abgar Antônio Campos Tirado<sup>12</sup> que estava tentando fazer alguns levantamentos memoriais sobre a vida e obra de *Luíza Leriana*; para a minha felicidade, o estimado professor disse: "conheci-a quando eu era criança!". Assim, inundado de satisfação, eu solicitei dele a gentileza de conceder-me algum depoimento sobre ela; entendendo as minhas razões, dias depois, pessoalmente, o prof. Abgar entregou-me um manuscrito que ora aqui eu reproduzo:

Atendendo a solicitação de meu amigo, o ilustre intelectual são-joanense José Antônio de Ávila Sacramento, escrevo algumas palavras sobre a virtuosa e santa criatura, que foi "Sá" Luíza. Sendo eu muito criança ainda, lembro-me de que essa santinha visitava com frequência nossa casa, sita à Rua Padre José Pedro, número 212, ao lado da Igreja de São Gonçalo Garcia, onde então morávamos, junto a nossos pais, Antônio Tirado Lopes e Águeda Campos Tirado. Segundo me lembro, era miúda, franzina e muito clara, sendo quase cega. Era uma pessoa serena e meiga e, por enxergar muito pouco, aproximava muito seu rosto quando conversava conosco. Já sabia que ela estava construindo uma capela, mercê de ingentes esforços. Não me lembro se pedia doações a nossos pais para sua piedosa obra. Sei que era muito amiga nossa e tínhamos muito prazer em recebê-la. Relativamente há pouco tempo, fiquei sabendo através da nossa vizinha Maria Helena Resende, a Lelé, que seus avós, sr. José de Carvalho Resende e sua esposa, d. Zezé, hospedavam "Sá" Luíza em sua casa, situada à Praça Frei Orlando (hoje Palácio Episcopal). Para ela preparavam uma boa cama. Entretanto, nossa contemplada deixava de usar deste conforto, para deitar-se no

---

<sup>12</sup> Sócio efetivo e ex-presidente da arcádia são-joanense, membro honorário do IHG de São João del-Rei e integrante do quadro social de diversas entidades locais e estaduais. Professor, poliglota, palestrante, notável compositor e pianista, figura ímpar das letras e da música erudita são-joanense, comentarista sacro das solenidades da Semana Santa de São João del-Rei...

duro chão; nem tocava na cama. Vê-se que "Sá" Luíza vivia de sacrifícios. Interessante, desde que tive notícia do grande movimento em favor do processo canônico de Nhá Chica, pensava eu: por que tanto esforço em prol de Nhá Chica e nada em favor de "Sá" Luíza? Depois considerei que não era injustiça: Nhá Chica, além de sua indiscutível santidade, tinha grande prioridade cronológica. Tudo a seu tempo. Foi, pois, com grande alegria que me inteirei do fato de estar sendo lembrada, graças aos esforços do sr. José Antônio de Ávila Sacramento, não sabendo eu se haveria mais pessoas nesse justo e santo mister. Que possamos ver "Sá" Luíza elevada à honra dos altares! - Abgar Antônio Campos Tirado. São João del-Rei, 04 de abril de 2017.

Como se vê, o relato do professor Abgar é transmissor de boas vivências, e, como tal, é matéria capaz de enriquecer o conteúdo e o partilhamento deste minúsculo relato histórico através do qual eu tento ordenar algumas lembranças da "Sá Luíza da Cananéia".

São conhecidas algumas objeções e/ou subjeções do conceito de "santidade" e de "santo". Creio que tais fenômenos ainda carecem de maiores entendimentos, além dos fatores ditos sobrenaturais da vida desses espíritos iluminados; os santos e as santidades deles costumam ser bem reconhecidos pelo povo, de baixo para cima. Durante a canonização de Madre Paulina, religiosa italiana que passou boa parte da vida no Brasil, o Papa João Paulo II declarou: "o Brasil precisa de santos; o Brasil precisa de muitos santos", e eu penso que tal necessidade transcende a dos "santos" e "santas" que a Igreja, através de processo formal, insere oficialmente nos altares. Não teriam também santidade aqueles e aquelas que foram modelos de pessoas que viveram a nossa realidade, pisaram o nosso chão, realizaram seus projetos, sofreram, alegraram, praticaram as virtudes cristãs de forma heroica, e, portanto, tiveram suas virtudes reconhecidas pela população ainda em vida e/ou depois da morte?

O cardeal José Saraiva Martins, certamente que seguindo o pensamento do filósofo francês Henry Bergson, considerou que "as maiores personagens da história não são os conquistadores, mas os santos", e que os exemplos de santidade propiciam o aparecimento de novos modelos culturais que ajudam a dar respostas aos problemas e aos desafios dos povos, oferecendo a possibilidade de haver progressos para a

humanidade no caminho da história<sup>13</sup>. Segundo Benjamin<sup>14</sup>, tais devoções “têm sido pouco estudadas no campo da antropologia, do folclore, da psicologia social, das ciências da religião e da comunicação. No entanto, sabe-se que a sua prática envolve processos psicossociais e de comunicação da maior importância nas sociedades latino-americanas.”.

Como sabemos, o início de um processo canônico visando reconhecer a santidade, quando aceito, pode culminar numa canonização, mas a tramitação dele tem ritos complicados, costuma ser bastante demorado e dispendioso. Por outro lado, no catolicismo popular, pessoas buscam solução imediatas para seus problemas e aflições através de cultos a “santos” e “santas” ainda não oficializados pela Santa Sé, os quais são eleitos, representados e aceitos como modelos de santidades para determinados grupos sociais. Então, as experiências do “catolicismo popular” revelam possibilidades de os homens dialogarem com os seus valores culturais e religiosos pessoais diretamente, sem que tal fato demonstre contraposição declarada à Igreja e nem se configure como sendo ações depreciativas ou marginais. No dito catolicismo popular, o povo reconhece o valor das palavras de um sacerdote, respeitam os sacramentos oficiais, mas as manifestações em favor dos santos não oficiais são uma espécie de estrada mais curta para a religiosidade e tem a finalidade de atingir a graça, contornando-se o formalismo intrincado do catolicismo romanizado.

Os habitantes das regiões rurais viviam (e de certa forma alguns ainda vivem) em locais ainda um tanto quanto inóspitos, onde requerer as presenças constantes de padres (e de médicos) era e ainda é difícil; assim, desenvolveram suas experiências religiosas sem a mediação direta dos sacerdotes e estabeleceram ligações diretas com

---

<sup>13</sup> José Saraiva Martins: Prefeito Emérito da Congregação para as Causas dos Santos da Santa Sé, na conferência na Universidade Católica Portuguesa, em 01 de março de 2004, ao abordar o tema Santidade e Cultura.

<sup>14</sup> BENJAMIN, Roberto E. Câmara. *Devoções populares não-canônicas na América Latina: uma proposta de pesquisa*. Rio de Janeiro: Associação Latino-Americana de Comunicação de Investigadores de Comunicação (ALAIIC), 2003. (Mimeografado). Roberto Emerson Câmara Benjamin nasceu no Recife (PE), em 1943, e foi estudioso das culturas populares do Brasil, pesquisador ligado à Universidade Federal Rural de Pernambuco e integrante da Comissão Nacional de Folclore (do Brasil), dentre outros. Era professor de Folkcomunicação. Faleceu em 20.10.2013.

os seus santos protetores e/ou com pessoas virtuosas que viveram ou vivem em estado de graça, praticando uma espécie de catolicismo heterodoxo aos olhos da Igreja.

Pelo que se nota no Brasil, as importâncias antropológicas e psicossociais das devoções populares não-canônicas não estão bem assimiladas e nem oficialmente consideradas pela Igreja. Os “santos” do credo popular, salvo raras exceções, não estão caminhando para os altares, apesar de reconhecidos pelo povo como criaturas que viveram e passaram para a eternidade em estado de graça; assim, o povo abrevia-lhes o processo canônico e eles não necessitam de submeterem-se ao protocolo oficial da Santa Sé para receber veneração. A fé em tais criaturas é uma convicção emotiva que sucede à cura dos males do corpo, ao consolo de angústias, às saídas de situações aflitivas, a libertação das agruras e dos desafios diversos: o indivíduo pede e recebe a graça, então passa a crer na proteção do “santo” e deposita nele a sua fé como intercessor diante de Deus, independentemente do posicionamento oficial da Igreja. Nestes casos, é a devoção popular que elege os santos, ainda que Roma não os reconheça, e, para o povo, muitas das vezes, isto basta!

Temos exemplos de “santos não-canônicos” em terras brasileiras: no nordeste, o Padre Cícero já está santificado pelo povo, romeiros e poetas de cordel, os quais nunca se calaram ante o “impedimento” do nome dele pela igreja Católica; na Zona da Mata de Minas Gerais, Floripes Dornelas de Jesus, a "Lola"<sup>15</sup>, leiga e devota do Sagrado Coração de Jesus; mais na nossa região, podemos citar a jovem mártir barbacenense Isabel Cristina Mrad Campos<sup>16</sup> e a "Santa" Manoelina dos Coqueiros<sup>17</sup>,

---

<sup>15</sup> Lola nasceu no Município de Mercês (MG) no ano de 1013, viveu em Rio Pomba e passou mais de 60 anos de sua vida alimentando-se apenas da comunhão eucarística. Em quase todas famílias de Rio Pomba há alguém que alcançou graças por intercessão dela. Faleceu no ano de 1999 e o túmulo dela é alvo de romarias. Dom Luciano Mendes de Almeida (1930-2006), então arcebispo de Mariana-MG, deu abertura ao processo de beatificação dela em 01 de julho de 2005.

<sup>16</sup> Assassinada aos 20 anos, em Juiz de Fora/MG, em 1º de setembro de 1982, quando preparava-se para prestar vestibular de medicina: um homem tentou violentá-la, e, diante da resistência dela, desferiu-lhe 15 facadas. Foi beatificada em 10 de dezembro de 2022.

<sup>17</sup> No princípio da década de 1930, em Coqueiros, um povoado situado a cerca de 12 km da cidade de Entre Rios de Minas - MG, acredita-se que uma moça começou a fazer milagres. Assim, a analfabeta Manoelina Maria de Jesus (1911-1960) acabou ficando conhecida pelo apelido de Santa Manoelina dos Coqueiros. Era pessoa simples, pobre, honesta, fervorosa e passava os dias cantar benditos e dizem que ela se alimentava apenas de vinho e água.

que num cômodo de terra batida, rezava e curava pessoas em Entre Rios de Minas, atual Desterro de Entre Rios; em São João del-Rei e Baependi, durante muitos anos ficou esquecida pela Igreja a virtuosidade de “Nhá Chica, a ‘santa’ do Distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno<sup>18</sup>”, que só recentemente foi beatificada; impedimentos ainda desconhecidos emperram o início do processo de reconhecimento oficial da virtuosidade do padre Miguel Afonso de Andrade, que em vida já era considerado um "santo cajuruense<sup>19</sup>" e que quando invocado ainda opera muitos prodígios. Em Minas Gerais ainda são também famosos o Padre Francisco de Paula Victor, “anjo tutelar” de Três Pontas, beatificado no mês de novembro de 2015; Frei Orlando, capelão militar da Força Expedicionária Brasileira<sup>20</sup>; Filomena, a “mártir de Araxá”; o Padre Eustáquio (beatificado em 2006); a Irmã Benigna, a “santa da fartura”, de Diamantina; e a “Menina Marlene”, em Belo Horizonte, dentre outros e outras... Há caso de santos oficiais que chegaram a até mesmo a ser desautorizados, por exemplo: o papa Paulo VI, em 1969, rebaixou um dos santos mais populares da Igreja, São Jorge, para a reprovável categoria de "santo facultativo, de culto não universal"; mas, felizmente, em 2000, o Papa João Paulo II restaurou a relevância do Santo da Capadócia!

---

<sup>18</sup> Francisca de Paula de Jesus, batizada no distrito são-joanense de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno no ano de 1810, cuja obra social e religiosa se deu na cidade sul mineira de Baependi, para onde foi ainda pequena acompanhada por sua mãe e por seu irmão, Teotônio; passou a vida inteira a dedicar-se à prática de caridade, tendo sido em vida cognominada de "a mãe dos pobres"; durante 30 anos, reuniu doações para construir uma capela para Nossa Senhora da Conceição, de quem era fervorosa devota; morreu com fama de santidade, no dia 14 de junho de 1895; o processo visando canonizá-la só a tornou Serva de Deus no ano de 1991, Beata em 2013, e ainda aguarda pela santificação oficial.

<sup>19</sup> Padre Miguel Afonso de Andrade nasceu em 29 de setembro de 1912, no distrito são-joanense de São Miguel do Cajuru. Faleceu em 30 de setembro de 1976; já era considerado “santo” em vida e, agora, quando invocado, ainda opera prodígios. Como aos bispos diocesanos é que compete o direito de investigar acerca da vida, virtudes, martírio, fama de santidade e milagres aduzidos ocorridos na diocese, em 26 de setembro de 2006, foi protocolizado perante a Diocese de São João del-Rei o pedido para a abertura do processo visando à causa da canonização do padre, processo ainda sem solução positiva.

<sup>20</sup> Antônio Alves da Silva (Morada Nova de Minas/MG, 13 de fevereiro de 1913 - Bombiana, Itália, 20 de fevereiro de 1945), patrono do serviço de assistência religiosa do Exército Brasileiro; em São João del-Rei foi frade franciscano, deu aulas e instituiu a “sopa dos pobres”, dentre outras atividades, e, na época da Segunda Guerra Mundial, foi o capelão das tropas brasileiras na Itália. Morreu poucos dias antes da tomada de Monte Castello, em 1952, atingido por um tiro acidental; a fase diocesana de seu processo de beatificação está concluída desde 2009.

Se aos santos e santas, reconhecidos ou não, é dado pelo povo o poder de desempenharem a função de intermediários entre o céu e a terra, por que será que nem todos gozam igual prestígio? Por que alguns alcançam a aceitação plena e outros ficam esquecidos? Creio que como mediadores entre nós e Deus, santos oficializados e populares não se excluem, não se substituem uns aos outros e nem se rivalizam; então, será por que alguns estão condenados ao esquecimento oficial, como, por exemplo, acontece com “Siá Luíza da Cananéia” e tantos outros?

Nesta época de crise das utopias coletivas, num período de desconfianças e incredulidades, é importante o renascimento da atenção para com todos os santos, notadamente os nacionais e os locais, figuras nas quais encontramos não uma nova teoria e nem sequer uma nova moral, mas um novo desígnio de vida a narrar, um mundo a (re)descobrir através de uma nova forma de amar e de sermos receptivos às suas mensagens, as quais nos impulsionam a realizar atos grandiosos na tentativa da (re)aproximação com Deus.

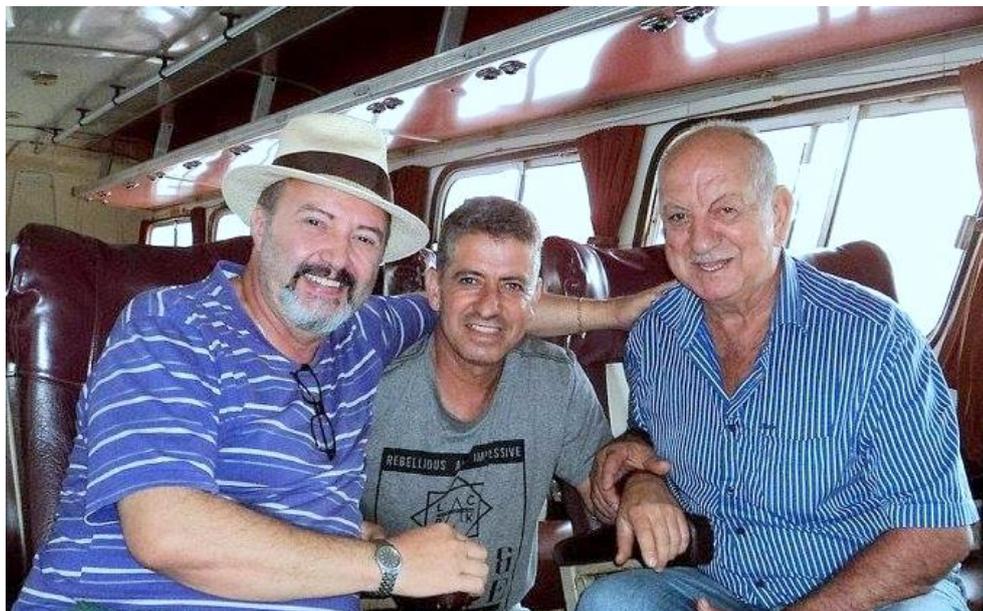
As reverências prestadas aos “nossos muitos santos” e “muitas santas” ainda não estão reconhecidas oficialmente pela Igreja Católica, mas a população os traz à luz da fama e da virtuosidade, fundamentando-lhes o caráter de santidade que tiveram em vida e continuam a merecer, mesmo depois da morte. À prática de intenso ascetismo, pobreza evangélica e isolamento eremítico de tais criaturas, somam-se múltiplas narrações de benignidade, devoção e piedade; então, tais criaturas foram e ainda são personalidades extraordinárias que trouxeram luzes para o seu povo na época em que viveram, e, nos dias atuais, continuam ainda a brilhar com intensidade nos momentos das aflições, como se fossem faróis alumando os nossos caminhos no breu das noites mais tormentosas.



Luíza Maria de Jesus  
(20.08.1873 - 21.11.1958)



Cananéia, destaque para a ermida do Sagrado Coração de Jesus (foto: Marcelo Melo)



Manhã de 29.12.2017, no terminal Rodoviário de São João del-Rei/MG, dentro do ônibus recém-chegado da Cananéia, numa das boas prosas sobre *Sá Luíza Leriana* (da esquerda para a direita: o autor deste artigo, Anilton e o pai dele, Oscar Donato Moreira).



Ônibus chegando da Cananéia, pelo Bairro Matosinhos, em São João del-Rei; no volante está o sr. Oscar Donato Moreira (foto: José Antônio de Ávila, 22,08.2016).